

# AS PEQUENAS COISAS

**T**ÂNGER, agosto —  
Falaram-me de iates fabulosos, como há muitos no Mediterrâneo, para passeios e pescarias de luxo — mas a verdade é que organizei minha vida foi mesmo com “El Chato”. É um berbere velho e feio como a necessidade; botaram-lhe êsse nome devido a seu nariz achatado — quase apenas dois buracos entre as rugas da cara. É fácil encontrá-lo entre as 6 da manhã e as 6 da noite na parte mais velha do pôrto — às vêzes cochilando de barriga para cima dentro de seu pequeno barco. Conhece bem essas águas do Estreito, sabe onde e quando se pode pescar certo peixe. Põe uma carnada no anzol exatamente como o faria o Joãozinho Corocoxó dos Marimbás ou o velho Severone em Marataíses. Fala um pouco de espanhol — o bastante para um homem de grandes silêncios tranqüilos. E é em Tânger um homem-chave, como sempre há um em tôda cidade, mas os guias de turismo não sabem. Espero que na próxima edição de seu “Tratado Geral dos Chatos” o Guilherme Figueiredo abra uma exceção para “El Chato” — que absolutamente não o é...

Aluguei esta casa para o verão por assim dizer “de porteira fechada”. Além dos móveis, há um vigilante noturno que dorme a noite inteira — no que faz muito bem — e o jardineiro com sua mulher gorda e sorridente e seus filhos. Os garotos estão em férias e passam o dia trepados nas árvores, comendo frutas. A família tem um cão, um grande viralata, que late conscienciosamente quando aparece alguma pessoa — mas late apenas uma vez, com um som cavo e triste, porque está velho demais.

Os meninos descobriram que o animal está meio surdo ou perdeu o sentido da direção. Escondem-se atrás de uma árvore e assobiam para chamá-lo. Êle ergue a cabeça com um ar feroz e impotente — e olha para

o outro lado. Os garotos riem muito, gritando alegres palavras em árabe. Depois mudam de lugar e repetem a brincadeira. É cômico ver o engano do velho cão; mas eu me pergunto se ainda estou em idade de zombar da velhice de alguém...

Ouçõ no rádio um programa de estúdio da Rádio Nacional de Lisboa. Fados, viras, canções. Depois se anuncia um samba — é aquêlê “Se Tôdas Fôssem Iguais a Você”, de Tom e Vinícius. A seguir “Viva Meu Samba”, aquêlê que fala em teleco-teco. O acompanhamento é ruim — falta-lhe exatamente o teleco-teco — mas reparo que a cantora é excelente. Quem será essa portuguêsã que canta tão bem o samba e que deixa tão comovido, sem o imaginar, um senhor brasileiro extraviado em Tânger? Tenho a sensação de estar fazendo uma descoberta. Mas o locutor diz depois: “tivemos ao nosso microfone a presença colorida de Mara Abrantes...”

Portuguêsã coisa nenhuma. É aquela pretinha simpática do rádio e das boates do Rio, que o Stanislaw Ponte Preta chamava de “Marilyn Monroe em negativo”. Muito obrigado, Mara Abrantes.

Como a casa é voltada para o mar onde passam muitos navios, um amigo me trouxe um óculo de alcance, daqueles compridos, de tripé. Armei-o junto a uma janela. A arrumadeira entretanto o removeu para o fundo da sala, com a lente voltada para o teto. Não dei pela coisa. Mas alguém que veio à minha casa depois de uma hora de conversa disse:

— Você me desculpe, mas desde que cheguei aqui estou na maior aflição. Essa luneta voltada para o teto, coitada! É uma falta de respeito, é uma judiação!

Levantou-se, pegou o tripé, trouxe-o outra vez para a frente da janela aberta sôbre o mar.